VIOLÊNCIA E ÉTICA: DISCURSOS SOBRE CORPO NA LIGA FEMININA DE FUTSAL

Eixo Temático 54 – VIOLÊNCIAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E SEUS ATRAVESSAMENTOS NO ESPORTE, NO LAZER E NOS COTIDIANOS DA ESCOLA

Eduarda Carolina Irber [1]
Ábia Lima de França [2]
Vitor Hugo Marani [3]

RESUMO

Este estudo analisa as manifestações de violência na Liga Feminina de Futsal, com o objetivo de identificar como o espaço esportivo materializa discursos normativos relacionados às diferentes formas de violência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, que utiliza da análise temática para interpretar cinco entrevistas semiestruturadas. Os resultados revelaram distintos processos de disciplinarização dos corpos, orientados por uma noção de ética que, muitas vezes, contribui para a naturalização de práticas violentas. Essas violências, frequentemente estão ligadas a questões de gênero, corpo e sexualidade. Espera-se que este estudo contribua para produções acadêmicas futuras e para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao futsal de mulheres.

Palavras-chave: Gênero; Esporte, Mulher.

INTRODUÇÃO

Este estudo desenvolve discussões sobre gênero, ética e violência – em suas diferentes manifestações – no contexto esportivo. Este recorte concentra-se na análise dos relatos das atletas vinculadas à Liga Feminina de Futsal (LFF-2023), com objetivo

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá - UEM, dudairber@gmail.com;
[2] Professor do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG), vitor.marani@ufg.br;
[3] Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), abia@ufba.br.

de identificar como o espaço esportivo materializa discursos normativos relacionados às diferentes formas de violência. A estrutura do estudo compreende a descrição da metodologia, a apresentação do referencial teórico, o tópico de discussão "Violência e ética na Liga Feminina de Futsal do Brasil", as considerações finais e as referências.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo baseia-se em Denzin e Lincoln (2017), adotando uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a cinco atletas da Liga Feminina de Futsal, no período de abril e maio de 2024. A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática, que permite olhar para os dados a partir de uma abordagem indutiva, colaborativa e reflexiva (Clarke; Braun, 2017).

REFERENCIAL TEÓRICO

Os principais conceitos que atravessam este estudo baseiam-se em Judith Butler (2021), especialmente em suas reflexões sobre violência e não violência. A autora conceitua a violência como práticas de marginalização ou inferiorização dirigidas a um sujeito ou a um coletivo, por meio de discursos, ações, conjunturas estruturais ou simbólicas que os afetam de maneira física, psicológica, social ou cultural. Por outro lado, a não violência é compreendida como formas de resistência diante de situações violentas, sem recorrer a respostas igualmente violentas – ou seja, modos de recusar e não praticar a violência, ao mesmo tempo em que afirma a própria existência e se exerce o poder. Butler (2021) argumenta que a não violência se aproxima de uma perspectiva ética-política que, em essência, reconhece a existência e, sobretudo, a inteligibilidade do outro, mesmo quando esse outro se apresenta como diferente do eu.

Dessa forma, o conceito ético-político proposto por Butler fundamenta-se na ética não como uma reprodução de normas estabelecidas, mas como um instrumento de ação política em prol da preservação da vida. Nesse sentido, agir de maneira ética diante das normas culturais e da violência simbólica implica reconhecer a humanidade do outro, independentemente de esse "outro" ser marcado pela diferença ou semelhança em relação ao "eu" (Butler, 2021). O conceito de ética permite analisar e incursionar caminhos de não violência no contexto esportivo, em especial no Futsal de Mulheres do

Brasil. Ao mesmo tempo, articula-se a outra compreensão de ética, que colabora para análise dos processos de disciplinarização de corpos no campo social.

Este conceito baseia-se nas contribuições de Michel Foucault (2021), que compreende a ética como um exercício crítico do sujeito ao refletir sobre sua ação antes de sua efetiva materialização. Esse processo, presente em cada indivíduo, segundo o autor, sofre efeitos da relação de poder que operam tanto no plano micro quanto macro social, estabelecendo normas e estigmas no contexto em que o sujeito está inserido. Esses efeitos sociais incidem sobre o sujeito, que também lida com desejos que podem se aproximar ou se contrapor às normas sociais vigentes – chamadas por Foucault (2021) como "dita cultural". A ação crítica do sujeito diante desse conflito interno, de pensar a ação antes de materializá-la, pode ser entendida como ética, resultando em um processo de subjetivação vinculado àquilo que o autor denomina de "estética de existência" (Foucault, 2021).

O referencial ético mobilizado nesta investigação permite analisar como determinados discursos são subjetivados e contribuem para a constituição de um "senso" de disciplina dos corpos em suas diferentes esferas – física, cultural e social. Especificamente, essa análise está direcionada a mulheres que praticam o futsal em um contexto de alto rendimento no Brasil.

VIOLÊNCIA E ÉTICA NA LIGA FEMININA DE FUTSAL DO BRASIL

As questões relacionadas ao gênero e aos marcadores sociais de diferença no esporte historicamente apresentam diferentes nuances que, em muitos momentos, impediram a participação de corpos marcados pela diferença em práticas esportivas (Jaeger; Goellner, 2011). Em outras palavras, trata-se de indivíduos que, no âmbito esportivo e para além dele, encontram-se à margem em diversas esferas e níveis da sociedade (Goellner, 2010). Para corpos que, de algum modo, desafiam a lógica hegemônica do homem, cisgênero e autossuficiente, a tensão nas relações de poder pode gerar processos de marginalização ou de privilégio, conforme a norma cultural vigente (Butler, 2021; Foucault, 2014).

Esses processos são moldados pelas relações entre os sujeitos, as quais geram efeitos que atribuem poder a determinados corpos – geralmente aqueles que mais se aproximam do padrão social hegemônico (Foucault, 2021). No contexto esportivo, os efeitos gerados por essas tensões não são diferentes, uma vez que o esporte é um espaço

onde corpos produzem e reproduzem cultura (Goellner, 2005). No futsal, essa tensão também se manifesta, revelando lacunas persistentes de desigualdade entre os gêneros (Jardim; Betti, 2021). Esse panorama contribui para a emergência de diversas formas de violência, muitas vezes invisibilizadas ou naturalizadas. Como explicam Paim e Strey (2006), há manifestações de violência no ambiente esportivo que, muitas vezes, não são reconhecidas como tal.

Esse panorama apareceu de maneira unânime nos relatos das entrevistadas, que afirmaram e refletiram sobre as diferentes formas de violência que enfrentam e vivenciam no cotidiano. Muitas dessas formas manifestam-se como violência de gênero, ou seja, o simples fato de serem mulheres e ocuparem um espaço historicamente masculinizado já representa um obstáculo, quando se trata de apoio, desenvolvimento da modalidade e estrutura, em comparação com os homens. As atletas ainda relataram diversos discursos de disciplinarização do corpo feminino, presentes nos aspectos físicos, culturais e sociais. Esses discursos transitam no campo da violência e geram efeitos, muitas vezes, silenciosos (Butler, 2021).

Inicialmente, todas as atletas entrevistadas negaram ter sofrido qualquer tipo de violência, demonstrando uma naturalização dos discursos normativos. Entretanto, por meio de questionamentos reflexivos, as colaboradoras foram reconhecendo e apontando, paulatinamente, formas de violência de gênero e violência estrutural. A entrevistada 01, por exemplo, destacou como o futsal masculino ganha, ao menos, três vezes mais investimento pela prefeitura de sua cidade do que o feminino, mesmo que a equipe masculina não detenha hegemonia nas competições nacionais.

Outro ponto que emergiu das entrevistas foi o processo de sexualização, que evidencia como o corpo está intrinsecamente ligado ao gênero e às suas materialidades físicas enquanto mulher. Conforme Collins e Bilge (2021), os marcadores interseccionais não se desassociam no contexto social – o que também se aplica às atletas da LFF (2023).

Em acréscimo, a entrevistada 02 relatou formas mais sutis e insidiosas de violência de gênero, como gritos pejorativos vindos da torcida e comentários sobre o corpo das mulheres, que partem, muitas vezes proferidos por colegas ou membros de clubes anteriores. O discurso, conforme Butler (2021), exerce força no campo da violência ao ecoar significados que reverberam desde as elites até as periferias sociais. Ainda segundo a autora, aqueles que detêm o poder do discurso também detêm a

capacidade de produzir e reproduzir normas sociais. A violência se manifesta de muitas formas, sendo a forma mascarada por meio do discurso – sutil, naturalizada e normatizada – a que mais reverbera e se desdobra em outras expressões de violência.

A entrevistada 02, por exemplo, reconheceu já ter sofrido violência, e afirmou que, segundo suas próprias palavras, "caberia sim uma denúncia". A atleta, no entanto, resistiu em maiores detalhes. Paim e Strey (2006) apontam a dificuldade das atletas reconhecerem situações de violência, visto que se colocam, por meio dessa reflexão, em uma posição de fragilidade. Desse modo, um dos pontos recorrentes e unânime entre as entrevistadas é a percepção de que o espaço esportivo não oferece segurança nem acolhimento para mulheres que decidem denunciar casos de violência.

Butler (2021) argumenta que o discurso pode "matar" antes mesmo de tirar a vida, diante das circunstâncias de subordinação que impõe. Em diversos momentos, o panorama de silenciamento foi perceptível na fala das entrevistadas – conectado a diferentes fatores, mas todos regidos pela ética, pelo receio ou pela cultura da impunidade. Um dos exemplos é da entrevistada 01, que abordou a exposição da sexualidade e do posicionamento político no ambiente esportivo: "eu acredito que virou praticamente ético, dentro do esporte, então, quando tem ética, não precisa ter regra". Essa fala revela como diferentes discursos normativos se voltam para o corpo da mulher no esporte, relacionando-se com as exigências dos patrocinadores e com processos de disciplinarização do corpo, na medida que subjetiva diferentes discursos por meio de ideia de ética. Segundo Foucault (2014), essa forma de agir representa um pensamento crítico do sujeito em relação à sua ação, ainda que ele não se reconheça nos espectros normativos da denominada "dita cultural".

O quadro relatado pelas atletas evidencia uma naturalização de determinadas situações de violência – seja vinda da torcida, seja internalizada pelas próprias atletas – motivadas pelo medo, pela impunidade, ou pela própria estrutura patriarcal e violenta (Butler, 2021) do sistema esportivo. A prática do futsal, historicamente, não passou por um processo de fragilização simbólica; ao contrário, consolidou-se a partir de ideais que associam o corpo à performance e à lógica do rendimento (Jaeger; Goellner, 2011). Essa perspectiva também aponta para uma dimensão de protagonismo: todas as atletas revelaram que o ambiente esportivo de alto rendimento deve oferecer, além de aparatos físicos, suporte à saúde mental. Desse modo, as atletas da LFF compartilharam expectativas de construção de um espaço esportivo pautado pela não violência, que

valorize o protagonismo feminino e promova o debate sobre temas historicamente silenciados.

Segundo as atletas, há uma lacuna evidente nas iniciativas institucionais, como campanhas para a combate à violência sexual e de gênero no esporte, especialmente, no futsal. Muitas vezes, as iniciativas de campanhas partem das próprias atletas, revelando a ausência de apoio institucional e a negligência com as demandas específicas das mulheres nesse cenário. Esse silenciamento é um reflexo de um sistema que ainda não garante proteção nem suporte adequado às jogadoras vítimas de violência no esporte.

Nesse sentido, as atletas reconhecem o cenário esportivo como espaço de protagonismo feminino e de práticas pautadas na não violência. Alegam que o ato de reexistir em uma modalidade masculinizada, como o futsal de mulheres, configura-se como um ato de não violência que expressa poder. A conquista de espaços no esporte permite às mulheres praticantes não apenas maior visibilidade, mas também o crescimento da modalidade e o reconhecimento coletivo das necessidades das atletas.

Esse enredo ativa a possibilidade de que "formas não violentas de resistência podem e devem ser praticadas agressivamente" (Butler, 2021, p. 33). Os relatos das atletas revelaram formas propulsoras de protagonismo feminino, reforçando que "o contexto esportivo, apesar de todas as imperfeições e desigualdades, é um agente fundamental de transformação social para as mulheres" (Paim; Strey, 2006, p. 01). Dessa forma, o esporte se apresenta como um espaço onde as relações de poder são operacionalizadas e onde as experiências, para além do campo biológico, tornam-se possíveis (Silk; Andrews; Thorpe, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar como o espaço esportivo materializa discursos normativos relacionados às diferentes formas de violência. Conclui-se que, muitas necessidades das atletas, passam por discursos violentos e silenciosos, que atribuem processos performativos, muitas vezes, pelo medo e pela cultura da impunidade. Espera-se que este estudo contribua para a produção científica no campo da Educação Física e colabore para a formulação de políticas públicas voltadas ao fortalecimento do futsal de mulheres.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **A força da não violência:** um vínculo ético-político. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CLARKE, Victoria.; BRAUN, Virginia. *"Thematic Analysis"*. ***The Journal of Positive Psychology***, v. 12, n. 3, p. 297–98, 2017.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2021. Tradução: Rane Souza.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna. S. (Eds.) ***The sage handbook of qualitative research***. 5. ed. London, England: Sage, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**: o cuidado de si. São Paulo: V. 3, 4 Ed. Paz & Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85–100, 2005.

JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os músculos estragam a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, v. 19, n.3, p. 955-975, 2011.

JARDIM, Juliana Gomes; BETTI, Mauro. "Puro preconceito! Vem de brinde com a bola!": o tabu da (homo)sexualidade em uma equipe de futsal feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. 2, p. 249-262, 2021.

PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. **efdeportes.com**, Revista Digital, ano 11, n. 103, 2006.

SILK, Michael; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly. Introduction. In: SILK, Michael; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017.